

PERFIL PSICOLÓGICO E OPÇÃO VOCACIONAL: SUBSÍDIOS DE KEIRSEY E BATES

*Maria de Lourdes Ramos da SILVA**

"São freqüentemente certos dados subjetivos, certos imponderáveis de tipo íntimo, que acabam por condicionar as aspirações profissionais dos indivíduos"

Cronbach

RESUMO: Este artigo consiste na análise e nas possibilidades de aplicação da abordagem apresentada pelos psicólogos David Keirsey e Marylin Bates, no que tange à relação entre perfil psicológico e opção profissional acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Opção Vocacional, perfil psicológico, orientação vocacional, campos profissionais.

* Profª Associada do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da FEUSP

FATORES RELACIONADOS À INADAPTAÇÃO ESCOLAR E OPÇÃO VOCACIONAL

A formação do jovem crítico, capaz de avaliar continuamente suas potencialidades aliadas às várias alternativas e restrições vocacionais que se avizinham no momento do vestibular, é um dos objetivos essenciais da escola do 2º grau e, mais especificamente, da orientação vocacional.

Entretanto, essa atitude de autonomia, baseada na liberdade e responsabilidade de decisões, nem sempre se faz presente. Muitos dos problemas de inadaptação escolar evidenciados por alunos de cursos universitários são reflexos de uma opção vocacional circunstancial e transitória, às vezes inconseqüente e prematura, que traduz amadurecimento insuficiente no que tange aos motivos da escolha, tanto em relação aos motivos pessoais envolvidos, como em relação às oportunidades profissionais existentes.

Em inúmeros casos, tal opção realiza-se de forma arbitrária, condicionada por razões alheias ao próprio educando, sejam elas de ordem social, política ou econômica, que o levam a ingressar em determinado curso universitário sem nem mesmo saber os motivos, ou com a vaga sensação de ter realmente escolhido seu destino profissional, ou se, na verdade, a opção foi vigiada por fatores incontroláveis, difíceis de serem discriminados por ele próprio, enquanto sujeito livre, consciente dos determinismos que o cerceiam e capaz de transcendê-los.

Nos resultados obtidos em pesquisa realizada junto a cursos universitários da USP¹, acentua-se a significativa porcentagem de alunos dos últimos anos escolares que não escolheriam novamente o mesmo curso, se lhes fosse possível

¹ Essa pesquisa foi realizada junto a alunos de diversos cursos universitários da USP, e resultou na Tese de Livre-Docência apresentada à Faculdade de Educação pela autora, com o título: "Perfil Psicológico e Opção Profissional Acadêmica: um estudo a partir da abordagem de Keirse e Bates". São Paulo, 1990.

retornar ao momento do vestibular. E entre as principais razões apontadas como decisivas no momento da escolha, ressaltam-se aquelas de caráter externo, tais como pressões familiares, status social oferecido pelas diversas profissões e retorno econômico esperado após a realização do curso. A pesquisa revelou ainda que grande parte dos alunos optaram pelos diversos cursos sem identificar, de forma nítida, não só suas reais motivações diante da opção, como também os objetivos, o conteúdo, a prática educativa e o mercado de trabalho possibilitado pelas faculdades em que ingressaram.

FATORES INTERVENIENTES NA DECISÃO VOCACIONAL

Essas constatações aludem àqueles fatores individuais e ambientais que intervêm na decisão vocacional do aluno, já que a escolha de uma profissão não se resume numa escolha objetiva de um dado campo ocupacional, mas pressupõe uma reflexão sobre as razões envolvidas na escolha, as interferências existentes nessa escolha, as aspirações, valores e desejos mais recônditos que permeiam as motivações vivenciais e vocacionais.

Além desses elementos, devem ser consideradas as implicações sociais sobre o indivíduo para que o próprio grau de liberdade na opção profissional seja discutido, analisando-se até que ponto esta não depende de fatores heterônomos. A opção profissional é, portanto, resultado de um complexo de circunstâncias, percebidas de forma mais ou menos nítida pelo indivíduo, mas que são, em inúmeras vezes, decisivas nessa opção.

Se o desenvolvimento vocacional representa um aspecto integrante da vida, a decisão profissional não pode limitar-se a um determinado momento estanque, pois depende de um longo processo de maturação e de aprendizagem. Representa antes um processo ininterrupto que, mediante as diversas experiências pessoais, escolares e profissionais, proporciona paulatinamente a clarificação das

potencialidades, dos interesses, das motivações, dos valores e das necessidades que nortearão a conduta vocacional e profissional do educando.

Portanto, ainda que as escolhas se façam necessárias e mais urgentes em determinados momentos da vida, como nos exames vestibulares ou na opção por determinado emprego, devem ser revistas à medida que o sujeito atinge novas etapas de percepção de si próprio e do ambiente que o cerca, já que as opções, em nenhuma instância, devem ser consideradas como inexoravelmente definidas; mas, antes, como situações de aprendizagem propiciadoras de novas avaliações de vida.

Por esse motivo, ainda que o momento de escolha profissional não deva ser constrangedor e irrevogável, presume um desafio existencial, já que afeta e orienta o campo futuro de estudos e de trabalho. Por essa razão, essa opção é freqüentemente acompanhada de indecisões, incertezas, ansiedade e angústia, sentimentos esses que não raro se estendem a todo o ambiente familiar.

Para libertar-se da ansiedade provocada pela necessidade iminente de uma opção, o indivíduo pode escolher uma profissão sem passar pelo processo de reflexão, escolha e decisão, desvencilhando-se rapidamente do problema. Por outro lado, pode não conseguir estabelecer nenhum tipo de escolha, guiando-se por diversas influências externas. Pode ainda escolher, baseando-se em identificações com figuras por ele admiradas, como pais, professores e outras autoridades. Finalmente, pode utilizar como processo de escolha, a facilidade que apresenta em relação à aprendizagem de determinadas matérias, esquecendo-se freqüentemente de que tal facilidade não garante a eficácia do trabalho a ser exercido dentro de um campo profissional numa fase posterior à essa aprendizagem.

Importa salientar, entretanto, que qualquer que tenha sido o curso universitário escolhido, há sempre possibilidade de abertura concomitante de um leque de opções posteriores em nível de especialização, de pós-graduação, ou mesmo no fato de conciliar, numa mesma profissão, diversos campos de interesses e de inclinações psicológicas.

Uma autêntica definição vocacional pressupõe certas condições de maturidade e de preparo intelectual, que permitam ao indivíduo uma visão crítica das perspectivas profissionais possíveis. E, mesmo que as condições sociais, políticas e econômicas sejam-lhe adversas, a educação pressupõe uma ação contínua, com o objetivo de propiciar a todos uma formação aberta e igualitária, que permita a apropriação dos vários tipos de conhecimento, já que, sem ela, não é possível a pessoa situar-se no mundo em que vive, nem tampouco fugir da pressão social que nem sempre lhe permite seguir seus interesses vocacionais.

Esses aspectos enfatizam porque não se deve, no campo profissional, forçar uma definição rápida de vida. Nem sempre prestar o vestibular no mesmo ano em que o jovem termina o colegial, pode resultar numa opção consciente. Por outro lado, o fato de não ter que tomar uma atitude apressada, pode, em muitos casos, ser um aspecto fundamental para que o aluno visualize mais serenamente quais são suas reais afinidades profissionais.

O educando deve ainda refletir se entrar para uma universidade é realmente uma opção ou se lhe é mais conveniente decidir-se por outras possibilidades profissionais; pois, segundo Vianna (1987), os elementos culturais, entre outros, pressionam os jovens a ingressar na Universidade que é, em nossa realidade, "uma agência de profissionalização das grandes massas".

Em relação àqueles que se propõem a seguir um curso universitário, é fundamental que a opção seja ponderada de forma crítica e consciente, sem vincular demasiadamente seus anseios profissionais às demandas do mercado de trabalho existente, já que, num mundo altamente flutuante como o atual, as profissões mais valorizadas hoje podem não ser tão valorizadas amanhã. Tal fato acarreta ao jovem uma decepção inevitável, na medida em que escolhe uma carreira ocupacional tendo como critério básico a valorização social e econômica de um determinado curso universitário.

Para que tal decepção possa ser evitada, torna-se imperativo que, além de uma sólida formação geral, o educando desenvolva uma visão ampla e crítica da sociedade, para não se perder em estimativas que podem facilmente redundar em inaptações não só em relação ao curso escolhido, mas também em relação ao próprio segmento de trabalho no qual se inserirá posteriormente.

O "conhece-te a ti mesmo" continua sendo a chave do processo de escolha profissional, já que, somente a partir do conhecimento de quem é a pessoa, de suas inclinações básicas, de suas aptidões, de seus interesses, de suas capacidades, de seu modo de ser e de atuar junto aos demais, é possível visualizar, por meio das opções existentes e das intrincadas relações do mundo do trabalho, o caminho mais condizente com seus ideais. Esse conhecimento, por sua vez, só pode surgir como resultado de uma busca e de uma luta que cada um tem que travar consigo mesmo ao longo de seu amadurecimento, sendo, portanto, conquistado.

O PAPEL DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NAS ESCOLAS DE 2º GRAU

Pelas razões anteriormente apontadas, todos os esforços educativos que possibilitem ao jovem conhecer-se mais profundamente e que desencadeiem reflexões sobre suas reais possibilidades e sobre a forma de efetivá-las em opções profissionais, são considerados propícios, na medida em que abrem novas perspectivas em relação aos aspectos básicos envolvidos no processo de escolha profissional, que não se esgota na opção por um determinado curso universitário, mas que se prolonga por toda a vida do indivíduo.

Este encargo pressupõe, como meta norteadora, o investimento na qualidade de ensino e nas condições institucionais que resgatam o papel do educador e que se traduzem em todos os elementos que atuam na escola, inclusive o Orientador Educacional. Ao representar, em todos os níveis - na escola pública ou privada - o elemento desencadeador do processo de autoconhecimento, o orientador

educacional pode, em muitas ocasiões, evitar opções vocacionais casuísticas, que tantos danos podem causar, seja no nível pessoal, seja no nível institucional.

Neste sentido, o objetivo da Orientação Educacional junto ao aluno de 2º grau não se pode resumir na escolha objetiva de uma dada profissão, mas pressupõe uma reflexão por parte do orientando, das razões envolvidas na escolha, das interferências existentes, das aspirações e desejos que permeiam as motivações vivenciais e profissionais. A Opção profissional é, portanto, o resultado de um complexo de circunstâncias, percebidas de forma mais ou menos nítida pelo indivíduo, mas que são, em inúmeras vezes, decisivas nessa opção.

E embora os programas de orientação vocacional desenvolvidos nas escolas de 2º grau representem fundamentalmente soluções de emergência e sejam insuficientes para suprir um trabalho de orientação que deveria acompanhar o aluno como participante do processo educativo em sua totalidade, constituem uma possibilidade de ajuda no sentido de propiciar-lhe a obtenção de mais informações sobre si próprio e sobre as opções vocacionais que lhe são possíveis. Portanto, as técnicas utilizadas com a finalidade de levar o jovem a conhecer-se melhor, devem ser consideradas como instrumentos que podem desencadear uma reflexão junto aos alunos sobre suas reais possibilidades e sobre a forma de efetivá-las em opções vocacionais.

Entretanto, a falta de orientadores na maioria de escolas estaduais de 1º e 2º graus denuncia a falta de importância atribuída pelo sistema de ensino à Orientação Vocacional. Este fato entra em contradição latente com a necessidade sentida pelo jovem de escolher inevitavelmente uma dada profissão, e com a grande incerteza existente quanto ao conhecimento de si mesmo e das opções profissionais que lhe são possíveis.

Tal aspecto formativo, considerado como uma das funções inerentes da escola, é infelizmente colocado em segundo plano, diante da falta de estrutura técnica e administrativa do sistema educacional brasileiro, que nem sequer

consegue assegurar a todos os alunos em idade escolar a aprendizagem dos conteúdos básicos dos diversos níveis escolares.

Tais fatos levam a Orientação Educacional a defrontar-se, atualmente, com o desafio de buscar seu próprio significado e lugar na estrutura escolar, examinando os fundamentos de sua ação e as formas através das quais pode realmente contribuir para ajudar o aluno a situar-se no mundo.

Considerada como função auxiliar do processo educativo, a Orientação Educacional não pode desvincular-se da instrução, já que a educação não se esgota na função de transmitir conhecimentos, mas implica também a orientação do aluno face às dúvidas e às situações constrangedoras que possa encontrar.

A ABORDAGEM DE KEIRSEY E BATES

Com tal objetivo, o trabalho desenvolvido pelos psicólogos americanos Keirsey e Bates pode representar um importante subsídio para ajudar o aluno em suas opções profissionais, possibilitando ainda detectar as razões de inadaptação escolar surgidas entre os alunos de cursos universitários.

Apoiados em idéias já antes defendidas intensamente por Jung, Myers, Spranger, Sullivan e Maslow, Keirsey e Bates (1984) defendem a idéia de que o temperamento de uma pessoa representa um poderoso agente determinante em relação à forma de ser individual, que, em última essência, não pode ser mudada. Isto porque a forma é inerente, enraizada e indelével. Portanto, pedir a uma pessoa que mude sua forma de ser, que pense, sinta ou queira de forma diversa é, na verdade, pedir o impossível, porque é pedir ao modo de ser e de querer que se transforme a si mesmo. Entretanto, para amenizar tal atitude determinista, os autores admitem que a pessoa talvez consiga uma automudança, mediante o esforço contínuo e uma autodeterminação na qual a vontade representa um aspecto básico.

Na tentativa de explicar a forma individual de ser, Keirsey e (1984) apoiaram-se principalmente nas disposições de personalidade descritas por Jung, acrescentando, entretanto, algumas modificações. Discriminam, então, quatro pares de dimensões pessoais, que atribuem às pessoas diferentes modos de pensar, de sentir e de agir:

Fator 1: Extroversão-E
Introversão-I

Fator 2: Realismo- S²
Intuição- N

Fator 3: Racionalidade- T³
Sensibilidade-F

Fator 4: Atitude judicativa⁴
Percepção- P

Enquanto a extroversão se relaciona a características pessoais como sociabilidade, interação com os demais, multiplicidade de relacionamentos e interesses voltados à assuntos externos, a introversão se relaciona a atitudes pessoais como concentração, relações interpessoais limitadas e restritas, e interesses internos à pessoa.

O realismo identifica-se com características pessoais em que se valorizam as experiências passadas, a realidade dos fatos e a praticidade na resolução dos problemas diários. A intuição, por outro lado, relaciona-se a características em que a fantasia, a ficção e a imaginação representam aspectos básicos da forma de ser do indivíduo.

² Keirsey utiliza a letra 'S', para denominar a palavra 'sensible', que por sua vez indica aquilo que é apreensível pelos sentidos- 'sense'. Para evitar possíveis confusões semânticas, utilizamos a palavra 'realismo', representada pela letra 'S'. Por outro lado, a palavra 'intuição' é representada pela letra 'N', com o propósito de diferenciar essa variável daquela que se refere à introversão (I).

³ Keirsey e Bates utilizam a palavra 'pensamento', de onde advém a denominação 'T' (da palavra 'thinking'), como sinônimo de razão. Por outro lado, utilizam a palavra 'sentimento', que denominam F (da palavra 'feeling'), como sinônimo de sensibilidade.

⁴ O que Jung denominou 'judicativo' (J) e percepção (P) não são conceitos muito claros. Para Keirsey e Bates, a dimensão 'J' corresponde a conceitos como: fechado, conclusivo, julgado e a dimensão 'P' corresponde a conceitos como: dar-se conta, tornar-se consciente.

A razão se traduz em características pessoais em que a objetividade, a firmeza nas colocações e as abordagens impessoais dos diversos assuntos tornam-se aspectos essenciais. A sensibilidade, por sua vez, incentiva a subjetividade, a harmonia nas relações interpessoais, a valorização e a compreensão das diversas circunstâncias que encaminham as pessoas a determinadas ações.

A atitude judicativa relaciona-se à necessidade de urgência nas decisões a serem tomadas, ao planejamento das diversas ações, à busca de situações definidas e de prazos estabelecidos; enquanto a percepção diz respeito a características pessoais como flexibilidade, necessidade de opções em aberto e improvisações nas várias situações de vida.

Cada indivíduo tem suas preferências, e as funções organizam-se de acordo com essas preferências. Assim, enquanto alguns preferem reportar-se à realidade por meio da sensação, outros preferem utilizar suas intuições. Entretanto, nem Jung nem Keirse e Bates esclarecem se essas preferências são inatas ou se são desenvolvidas durante o processo de formação do indivíduo. No entanto, mesmo sendo inatas ou desenvolvidas posteriormente, os diversos pares de funções, de acordo com Keirse e Bates, desenvolvem-se continuamente e tornam-se cada vez mais fortes, por meio de seu uso constante. Se uma pessoa utiliza freqüentemente sua intuição, essa função torna-se cada vez mais fortalecida, enquanto que a sensação torna-se cada vez mais fraca.

Em relação à tipologia junguiana, Keirse e Bates introduzem dois aspectos diferenciadores. O primeiro se refere à introversão e extroversão, consideradas não mais como atitudes ou dimensões básicas, mas apenas como um dos quatro pares de funções psicológicas, cuja importância na determinação do estilo temperamental do indivíduo é, de certa forma, minimizada pelos autores.

O segundo aspecto relaciona-se à introdução do par de dimensões pessoais relacionado à atitude judicativa e à atitude perceptiva constante, que, segundo os

autores citados, influenciam em alto grau a forma como o individuo interage no trabalho que executa junto aos demais.

Tais inovações redimensionam a tipologia apresentada por Keirse e Bates, atribuindo-lhe um caráter inovador, que a diferencia da tipologia de Jung e de Myers-Briggs, incentivando-nos a sucessivas investigações no campo da opção profissional, com o objetivo de verificar sua real aplicabilidade e possíveis adequações a esse campo de estudos.

PERFIS PSICOLÓGICOS

A partir dessas variáveis pessoais, os psicólogos Keirse e Bates estabelecem quatro tipos básicos de perfis psicológicos, com aspectos dominantes que possibilitam uma análise sobre os campos profissionais e áreas de estudo em que tais perfis poderiam ter maiores possibilidades de desenvolvimento: perfil realista-perceptivo (SP), perfil realista-judicativo (SJ), perfil intuitivo-racional (NT) e perfil intuitivo-sensível (NF). Esses quatro tipos de perfis temperamentais, combinados às diferentes dimensões de personalidade apontadas anteriormente, resultam em dezesseis subtipos, com formas e modos específicos de compreender, avaliar e sentir as diversas situações.

Dessa forma, estabelecem quatro tipos gerais:

- SP- caracteriza o indivíduo realista perceptivo
- SJ- caracteriza o indivíduo realista judicativo
- NT- caracteriza o indivíduo intuitivo racional
- NF- caracteriza o indivíduo intuitivo sensível.

A característica básica do 'perfil realista perceptivo' (SP) é a necessidade de ação e de liberdade. Não gosta de planos e objetivos a longo prazo e sente-se invariavelmente atraído por campos profissionais em que existe possibilidade de ações imediatas e decisões rápidas. Indiferente a hierarquias baseadas em títulos e regulamentos rígidos, é o mais fraternal de todos os perfis temperamentais e o mais

apto a resolver situações de crise. Inclina-se, portanto, para tipos de atividades profissionais como: administração, advocacia, diplomacia, engenharia civil, educação física, cargos de chefia e de supervisão, magistério, medicina, etc. Interessam-lhe ainda atividades nas quais o perigo é uma variável constante, como: dirigir motos, carros de corrida e aviões.

Para o 'perfil realista-judicativo' (SJ), o dever e a responsabilidade em relação a tudo que lhe diz respeito, são características essenciais. Não gosta de improvisações e adapta-se com facilidade aos procedimentos, às regras e aos modos estabelecidos de trabalho nas várias instituições, respeitando as hierarquias, contribuindo com a parte que lhe cabe. Por essas razões, este perfil inclina-se a atividades profissionais relacionadas às instituições sociais e serviços comunitários: magistério, medicina, advocacia, enfermagem, negócios, administração e supervisão, contabilidade, odontologia, história, química, biologia, orientação, serviços sociais, direção de escolas, etc.

O objetivo máximo de vida para o 'perfil intuitivo-racional' (NT) é a competência e a capacidade demonstradas nas diversas situações. Aprender é uma preocupação constante, já que é o mais autocrítico de todos os tipos. Sente ainda compulsão para modificar e reestruturar o ambiente em que atua e sente-se invariavelmente atraído para campos profissionais como: ciências, matemática, lógica, filosofia, arquitetura, engenharia, computação, projetos de pesquisa, cardiologia, criminologia, etc.

Para o 'perfil intuitivo-sensível' (NF), a busca incessante de sua auto-realização, a defesa ininterrupta de sua individualidade, integridade e coerência interna representam as finalidades básicas de sua vida. Trabalha mediante uma visão de perfeição interior e inclina-se a atividades profissionais tais como: escritor, poeta, autor de peças teatrais, biógrafo, psicólogo, médico, advogado, psiquiatra, e todas as atividades artísticas.

Ao representarem essencialmente esquemas de compreensão, os perfis temperamentais apontados não pressupõem a existência real necessária de representantes perfeitos dos diversos tipos. Os quatro perfis defendidos por Keirse e Bates - dos quais podem resultar dezesseis subtipos - proporcionam apenas um meio para facilitar o autoconhecimento por parte do indivíduo, com a finalidade precípua de favorecer-lhe uma análise mais específica de suas tendências básicas.

Por outro lado, ao admitirem uma certa modificabilidade do temperamento por meio da vontade individual e do hábito, os autores reconhecem alguma possibilidade de mudança, a partir da auto consciência. As formas temperamentais identificadas não pretendem, portanto, classificar os indivíduos segundo determinados padrões; mas, antes, permitir uma generalização de tendências psicológicas que acabam se ajustando aos indivíduos particularmente, embora cada pessoa, isoladamente, não corresponda necessariamente, a nenhum tipo de modo integral, havendo sempre aspectos circunstanciais que devem ser considerados na compreensão da personalidade.

Dessa forma, os perfis psicológicos apresentados por Keirse e Bates representam basicamente "esquemas de compreensão", já que não se pode supor a existência real de qualquer representante perfeito de cada tipo. Portanto, representam fundamentalmente critérios que podem funcionar como artifícios didáticos com o intuito de fornecer certa unidade à pesquisa empreendida.

Embora a análise que os tipos psicológicos possibilitam possa dar a sensação de atomizar o ser humano, fragmentando-o em alguns elementos, essa fragmentação pode ser profícua na medida em que, numa síntese final, na qual todos os elementos afinal se integrem, a compreensão global do ser humano possa enriquecer-se em sua significação e totalidade, evidenciando a originalidade e singularidade de cada pessoa.

O perigo inerente às tipologias é que em muitas ocasiões, o processo pode transformar-se num jogo que acaba por imprimir nos indivíduos certos rótulos,

dividindo-os em categorias estanques ou esquemas classificatórios. Uma vez catalogado, o indivíduo é estereotipado e, conseqüentemente, todas as características gerais das pessoas que fazem parte de uma determinada categoria, passam a ser aplicadas também a ele.

No campo da Orientação Educacional, tal perigo deve ser evitado a qualquer custo, já que o objetivo da utilização de tipos psicológicos reside em representá-los como meios auxiliares ou esquemas de compreensão para ajudar o educando a desenvolver novas percepções sobre si mesmo, sobre as pessoas que, de modo significativo, afetam sua existência e sobre sua vida, tanto pessoal quanto profissional.

RELAÇÕES ENTRE PERFIS PSICOLÓGICOS E CAMPOS PROFISSIONAIS

Uma pesquisa de campo para verificar a relação possível entre os perfis psicológicos básicos apontados por Keirsey e Bates (realista-perceptivo, realista-judicativo, intuitivo racional e intuitivo sensível) e a opção profissional pareceu-nos oportuna na medida em que pudesse revelar se há (ou não) correlação significativa (incidência numa opção que ultrapassa a porcentagem normal do tipo psicológico na população geral) entre os perfis apresentados e as diversas escolhas realizadas.

A hipótese inicial que orientou a pesquisa de campo foi a de haver, nos diversos cursos, predominância de perfis diversos, relacionados às características específicas desses cursos e aos estudantes que os freqüentavam. Esperava-se, por exemplo, que entre os alunos da Escola de Comunicações e Artes predominasse um perfil diverso daquele relacionado aos cursos de Engenharia, Educação Física ou de Pedagogia. Assim, de acordo com nossas hipóteses básicas, predominaria na ECA a composição NF (intuitivo sensível); no curso de Computação e Engenharia Elétrica, a composição NT (realista racional. Já no curso de Educação Física,

deveria predominar o perfil SP (realista operceptivo); no curso de História e no de Biologia, o perfil SJ (realista judicativo).

Com essa finalidade, foram levantados dados em 18 Faculdades da USP, em alunos do 4º e 5º ano, com o objetivo de verificar se, nas diversas unidades, há, ou não, dominância de um perfil psicológico específico, de acordo com as expectativas relacionadas à hipótese inicial. Alguns dos dados referentes a certos cursos da USP foram confrontados com dados obtidos com alunos da Universidade Mackenzie para fins de análise comparativa.

Esses dados foram colhidos através de um questionário adaptado àquele apresentado por Keirse e Bates em sua obra *Character & Temperament Types* (1984), seguido de um outro questionário com perguntas relacionadas ao nível de satisfação dos alunos em relação ao curso escolhido e às condições em que realizou a opção pela carreira (espontânea ou não). Como fonte subsidiária, foram realizadas várias entrevistas, principalmente com aqueles alunos que representavam a predominância do perfil relativo ao curso e com aqueles que representavam o tipo psicológico menos predominante.

As conclusões do estudo exploratório, sujeito a variações e interferências inevitáveis, possibilitaram estimar uma correlação possível entre perfis psicológicos e campos profissionais. Os quatro perfis básicos foram encontrados, de forma dominante, em profissões que, segundo as hipóteses iniciais, coadunam-se predominantemente com eles.

Assim, o perfil realista perceptivo (SP) foi dominante entre os alunos de Educação Física e Economia; o perfil realista judicativo (SJ) foi dominante em grande variedade de cursos, tais como: Direito, Medicina, Ciências Contábeis, Pedagogia, Enfermagem e História; o perfil intuitivo racional (NT) foi dominante principalmente nos cursos de Computação e Engenharia Elétrica; e finalmente o

perfil intuitivo sensível (NF) foi dominante nos cursos de Letras e de Jornalismo/Publicidade⁵

POSSÍVEIS APLICAÇÕES

Os dados obtidos nos resultados da pesquisa efetuada testificam a importância da abordagem de Keirsey e Bates como uma possibilidade, entre outras, de ajudar os alunos no processo de escolha profissional. Com esse objetivo, esse teste vem sendo aplicado em grande número de Universidades norte americanas.

Para Keirsey e Bates, os tipos psicológicos identificados, combinados às diversas dimensões de personalidade, referem-se basicamente a inclinações temperamentais do indivíduo, que o levam a perceber, a sentir, a agir e a pensar de modo típico, sem enfatizar o status atribuído às diversas profissões, nem o nível intelectual de cada um. Podem, portanto, representar elementos interessantes a serem explorados, já que permitem abertura à compreensão do ser humano e suas relações com os diversos campos profissionais.

Entretanto, não esgotam o número de variáveis intervenientes na escolha profissional, já que esta compromete não só o ser humano em sua totalidade, mas também as possibilidades e restrições sociais, culturais e econômicas que restringem, às vezes drasticamente, a liberdade individual no que diz respeito às tomadas de decisões no campo vocacional. Tais restrições evidenciam a necessidade de um trabalho conjunto entre todos aqueles envolvidos no processo educativo, com o objetivo básico de não só instruir o aluno, como também orientá-lo em seu processo de vida.

⁵ As tabelas relativas às devidas porcentagens de cada Curso são apresentadas na Tese de Livre Docência da autora, citada na nota 1.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BOCK, S. D. Trabalho e Profissão. In: Conselho Regional de Psicologia, 6ª Região, SP. **Psicologia no 2º Grau: uma proposta emancipadora.** São Paulo: EDICON, 1978.
- BORDIN, E. S. **Asesoria psicológica.** México: Trillas, 1985.
- CARVALHO, M. L. R. S. **A Função do orientador educacional.** São Paulo: Moraes, 1986.
- EYSENCK, H. J. **La desigualdad del hombre.** Madrid: Alianza Universidad, 1981.
- HALL, J. A. **A experiência junguiana: análise e individuação.** São Paulo: Cultrix, 1986.
- JUNG, C.G. **Tipos psicológicos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- _____. **Fundamentos de psicologia analítica.** São Paulo: Vozes, 1972.
- KEIRSEY, D. **Portraits of temperament.** Prometheus Book Company, 1988.
- KEIRSEY, D.; BATES, M. **Character & temperament types.** 4.ed. Del Mar: Prometeu Nemesis Book, 1984
- KLINE, P. **Psicologia da orientação vocacional.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- PELLETIER, D. **Desenvolvimento vocacional e crescimento pessoal.** 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- SILVA, M. L. R. **Personalidade e escolha profissional.** São Paulo: EPU, 1992.
- VIANNA, H. M. O acesso à realidade: um estudo da validade. **Educação e Seleção,** São Paulo, n.14, p.83-145, jan./jun.1987.

SUMMARY: This article consists on the analysis and the possibilities of application of David Keirse and Marilyn Bates' approach about relationship between the temperament types and the academic career option.

KEYWORDS: Academic caree option, Psychological types.

(Recebido para publicação em 15.10.93 e
liberado em 02.09.94)